



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Trabalho, questão social e serviço social.

SAÚDE MENTAL E DROGAS: NARRATIVAS DE MULHERES EM UM CAPS AD EM JOÃO PESSOA (PB)

Ana Alice Firmino de Barros¹
Maria Isabelly Silva Pereira de Lima²
Rafael Nicolau Carvalho³
Alecsonia Pereira Araújo⁴
Kátiusca Torres Medeiros⁵
Antonia Picornell Lucas⁶

Resumo: O estudo teve por objetivo contribuir com a discussão em torno da relação entre gênero, drogas e saúde mental. Foi resultado de uma pesquisa realizada no Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas. Utilizamos como metodologia a história oral a partir das narrativas de três mulheres, que apontaram a complexidade do uso abusivo de drogas a partir de suas vivências.

Palavras-chave: Saúde Mental. Gênero. Drogas.

Abstract: The study aimed to contribute to the discussion about gender, drugs and mental health. Being a result of research conducted at the Center for Psychosocial Care alcohol and other drugs. We used oral history methodology from the narratives of three women, who pointed out the complexity of the abusive use of drugs, based on their experiences, suffering and challenges.

Keywords: Mental health. Genre. Drugs.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é parte do trabalho de conclusão de curso, que teve como objetivo compreender a partir das narrativas das mulheres como se dá a relação de gênero, saúde mental e drogas. Sendo este um recorte dos resultados da pesquisa desenvolvida no Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (CAPS ad) David Capistrano da Costa Filho, localizado no município de João Pessoa/PB.

Entende-se que as drogas são utilizadas por mulheres e homens desde o começo da humanidade, seja como substâncias extraídas da natureza ou preparadas em laboratório,

¹ Profissional de Serviço Social, Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rafaeljp.carvalho@gmail.com.

² Profissional de Serviço Social, Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rafaeljp.carvalho@gmail.com.

³ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rafaeljp.carvalho@gmail.com.

⁴ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rafaeljp.carvalho@gmail.com.

⁵ Profissional de Serviço Social, Instituto Nacional do Seguro Social. E-mail: rafaeljp.carvalho@gmail.com.

⁶ Professor com formação em Serviço Social, Universidade de Salamanca. E-mail: rafaeljp.carvalho@gmail.com.

que possuem componentes psicoativos que servem para as mais diversas necessidades humanas, como: tratar doenças; amenizar os sofrimentos do corpo e da alma; promover disposição física e mental (melhorar o humor, o sono, o apetite, controlar a ansiedade); alterar os sentidos e a percepção; promover estímulos na criatividade e sensibilidade ou até para completar rituais religiosos e culturais. Portanto, cada um de nós de alguma forma, ou em algum momento somos usuários de algum tipo de droga (BRITES, 2016).

Conforme nos mostra Brites (2016), em nosso cotidiano habitualmente utilizamos a palavra droga, porém o mais adequado para designar as substâncias que agem diretamente no sistema nervoso central, deprimindo, estimulando, alterando ou perturbando suas funções, seria psicotrópico e psicoativo, propriedades que podem causar abuso e dependência. A forma errônea como usamos o termo “droga” vem colaborando com “visões mistificadoras sobre o uso e os/as usuárias/os de psicoativos, bem como com a reprodução acrítica de juízos de valor estigmatizantes” (BRITES, 2016, p.8).

Com isso, são diversas as motivações socialmente determinadas que conduzem as pessoas, ao uso de psicoativos, uma vez que são respostas às incontáveis necessidades sociais, cujo uso modifica a forma como os indivíduos relacionam-se com os diferentes psicoativos, sejam eles naturais ou sintéticos, alterando significados e padrões de consumo (BRITES, 2016).

Nesse estudo, nossa atenção foi voltada para as mulheres que desenvolveram transtorno mental a partir do uso abusivo de substâncias psicoativas, e apesar dos esforços em nível mundial para o enfrentamento e o cuidado com os problemas causados pelo uso abusivo dessas substâncias, podemos perceber que esses cuidados não possuem um direcionamento mais estratégico às necessidades singulares do gênero feminino.

Por gênero, aqui se refere “às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais” (SANTANA; BENEVENTO, 2013, p.01). Assim, ser homem e mulher é determinado socialmente, na forma que o indivíduo se reconhece e se expressa socialmente, de acordo com a época, cultura e região (REZENDE, 2016). A construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros.

Segundo Rezende (2016) para que se entenda com mais facilidade o que é ser homem e mulher, foram criadas essas crenças e atitudes socialmente aceitas e já pré-determinadas, que se naturalizaram em nosso meio e nos condicionaram a associar homens e mulheres apenas através das diferenças biológicas. Assim, percebemos que a sociedade

se utiliza da existência das diferenças biológicas para promover uma distribuição desigual das responsabilidades e dos papéis sociais, que se distanciam muitas vezes das vontades das pessoas, adotando critérios racistas, classistas e sexistas.

Conforme Santos (2016), é possível detectar que dentro das estruturas patriarcais, as mulheres com transtornos decorrentes do uso abusivo de drogas, são geralmente classificadas como figuras que rejeitam o papel social que lhes é instituído, sendo rotuladas como marginais e desviantes da ordem estabelecida. “Em uma sociedade marcada pela dominação, a invisibilidade e a negação deste problema seriam um subterfúgio para evitar maiores rechaços e julgamentos”. (SANTOS, 2016, p.19).

Naomi et al (2016), enfatiza que na forma do consumo das drogas já ficam evidente as diferenças de gênero, a exemplo do consumo do álcool, onde as mulheres, em geral, fazem o uso sem muita exposição e sozinhas. Assim, um fator que enfraquece o tratamento é a solidão a qual estão submetidas as mulheres com algum tipo de vício. Em geral os homens que chegam ao tratamento estão com o apoio de mãe, pai, mulheres e filhos, enquanto as mulheres estão sozinhas. (GOMES, 2010).

Santos (2016) nos alerta que o não reconhecimento social, produz uma caracterização das pessoas como destituídas de direitos, anulando sua condição de cidadão. Essa situação evidencia-se, quando tratamos das mulheres pauperizadas, que já sofrem com a desigualdade social de raízes histórico-estruturais de âmbito político e econômico, associando-se a isso os rebatimentos das desigualdades de gênero. Apesar de muitas lutas, a mulher ainda se encontra nos grupos mais vulneráveis, ficando isso comprovado frente ao acesso limitado aos direitos, em uma sociedade conservadora de alicerce patriarcal, sobretudo as que estão em situação de pobreza.

A discriminação vigora em torno dos usuários de substâncias psicoativas que enfrentam as mais diversas formas de preconceitos e estigmas, tendo sua imagem constantemente denegrada pela sociedade, o que se amplia quando são mulheres as usuárias de drogas, pois fica perceptível, que sofrem ataques de cunho moral, machista e sexista.

Assim, a mulher usuária de drogas figura com uma pessoa desqualificada e em decadência, enquanto a mídia e a sociedade imprimem a elas uma conduta de pessoas insanas, impulsivas, imprevisíveis e perigosas, passando a serem culpadas por um duplo desvio, “seja pelo fato de consumir substâncias encaradas como causadoras de instabilidade pessoal e social, seja pelo descumprimento de papéis sociais referendados à mulher na dinâmica social” (MEDEIROS; MACIEL; SOUSA, 2017, p. 446).

No campo da saúde mental observam-se as dificuldades em buscar cuidados e em manter-se nos serviços de atenção à saúde. A partir de nossas observações durante a pesquisa foi possível identificar que aquelas mulheres que adentram nos CAPS, bem como outros serviços de saúde mental, frequentemente deparam-se com o preconceito entre os usuários masculinos e mesmo de outras mulheres, bem como dos profissionais, o que significa mais barreiras a se transpor para manter-se no tratamento. (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Nessa perspectiva, entendemos que todos esses aspectos implicam diretamente na relação do uso de substâncias psicoativas, bem como no aumento dos transtornos mentais entre mulheres, e assim a necessidade e o nosso interesse em compreender as relações de gênero, saúde mental e drogas.

2 METODOLOGIA

O estudo assume a perspectiva de “contar”, por meio das narrativas, a história de três usuárias sobre suas trajetórias no âmbito da vida privada, em especial acerca de seu primeiro contato com as substâncias psicoativas, com os fatores que desencadearam o consumo, o CAPS como lugar de busca pelo cuidado, sua condição de mulher dentro desse espaço e sua percepção sobre a problemática do uso abusivo.

Portanto, a pesquisa caracteriza-se enquanto um estudo de cunho qualitativo, haja vista que esta é “[...] composta pelos aspectos sensíveis de uma coisa ou de um fenômeno naquilo que a percepção pode captar, constitui assim o que é fundamental em qualquer estudo ou pesquisa, pois é o ponto de partida para qualquer um deles” (QUEIROZ, 2008, p. 19).

Para tanto, a pesquisa procedeu a partir das narrativas de três mulheres que são acompanhadas pelo CAPS ad David Capistrano da Costa Filho, em João Pessoa/PB.

A narrativa é considerada por diversos autores como a forma mais adequada de acesso à experiência vivida, sendo por meio desta que os indivíduos lembram o que aconteceu e colocam a sua experiência em sequência, desencadeando os acontecimentos.

[...] a narrativa ocupa espaço privilegiado de encontro entre a vida íntima da pessoa e sua inscrição em uma história social e cultural, e se constitui como via de acesso aos significados através dos quais as pessoas constroem sua visão de mundo e as estratégias desenvolvidas diante dos problemas do viver (MÂNGIA; YASUTAKI, 2008 apud MOREIRA, BOSI, SOARES, 2016, p. 228).

Portanto, a narrativa privilegia aquilo que é experienciado por aqueles que contam suas histórias, isto é, “[...] ao que é "real", "verdade", para estes, sendo, pois, representações/interpretações particulares do mundo. Portanto, não devem ser julgadas como verdadeiras ou falsas”. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008 apud MOREIRA, BOSI, SOARES, 2016, p. 231).

Assim, utilizamos como procedimento metodológico a história oral, que para Queiroz (2008, p. 35) é uma técnica usada com muito sucesso pelos cientistas sociais. Esta evidencia “[...] a vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato social”.

A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destas tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores inventam num momento dado. Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica. (QUEIROZ, 2008, p. 42).

Não há dúvidas que a História oral pressupõe uma relação intrínseca com o método biográfico; a entrevista tem como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência.

Acolhendo aos pressupostos éticos quanto a manter o anonimato das três mulheres entrevistadas, as denominamos homenageando três personalidades brasileiras, nos campos da saúde mental, da política, e das artes, respectivamente: Nise da Silveira⁷, Marielle Franco⁸, e Tarsila do Amaral⁹.

Ao interpretarmos e analisarmos as narrativas, consideramos os aspectos históricos, sociais e culturais, as condições de reconhecimento às quais estão ou estiveram subordinadas durante suas vidas, como parte do processo de construção de suas identidades.

⁷ Nise Magalhães da Silveira nasceu em 1905 e ajudou a escrever e revolucionar a história da psiquiatria no Brasil e no mundo, conhecida por humanizar o tratamento psiquiátrico (DULCE, 2018).

⁸ Marielle Francisco da Silva, foi vereadora do PSOL, socióloga, feminista e defensora dos direitos humanos. Assassinada em março de 2018 junto com o Anderson Gomes, seu motorista, no carro onde estavam.

⁹ Tarsila do Amaral foi uma das artistas plásticas mais importantes da primeira fase do Modernismo, conhecida por seus quadros. Abaporu foi sua grande obra (FRAZÃO, 2008).

3 NARRATIVAS

3.1 Nise da Silveira

Aos 51 anos, Nise da Silveira, é de religião evangélica, paraibana da cidade de Conceição, mora em João Pessoa, solteira, teve 04 filhos que já são adultos; desempregada, é beneficiária do Programa Bolsa Família, tendo começado a fazer uso de drogas aos 15 anos com a maconha, usando atualmente o tabaco. O acesso às drogas aconteceu por meio de uma amiga e a motivação para o consumo deu-se por conta da “juventude”, pois gostava de festas, sair para dançar, se divertir e “curtir a vida”. Após 35 anos de uso, Nise percebeu que o mesmo estava lhe causando prejuízos, pois todos os seus filhos fazem uso de drogas, tendo um deles sido preso, ocasião em que se converteu ao Cristianismo Evangélico, passando a incentivar a mãe a deixar de usar drogas. Ela fez uma promessa que se o filho fosse posto em liberdade condicional ela deixaria de usar, assim acontecendo.

Paralelamente a isso, aconteceu o nascimento do primeiro bisneto, o que a fez pensar que seria um péssimo exemplo, “uma vez que o bisneto pensaria, que já tinha uma mãe e uma avó drogadas e também teria uma bisavó”. Em tratamento há 03 (três) anos, Nise enfrenta o desafio de conviver no meio de toda família que ainda faz uso: filho, filha, netos, netas e nora. Ela afirma que nunca teve nenhum direito negado ou sofreu preconceito, por ser usuária de substâncias psicoativas, porque sempre fazia uso em casa e não na rua, e nunca frequentou os lugares de tráfico, pois pagava para que alguém comprasse para ela. Bem como, não é tratada com discriminação por vizinhos e amigos que sabem que ela faz tratamento em um CAPS de álcool e drogas. Para ela, a mulher que faz uso abusivo de drogas não tem moral, não tem respeito por ela mesmo, e que é capaz de fazer tudo para conseguir a droga inclusive se prostituir e cometer roubos.

Na narrativa ficou perceptível que Nise iniciou o uso de substâncias psicoativas ainda na adolescência, através de uma amiga e como forma de uso social. É comum na fase da adolescência surgir o desejo de conhecer e experimentar coisas novas, como forma de construção da própria identidade. O uso de substâncias psicoativas consideradas ilícitas estendeu-se até a vida adulta de Nise, quando também seus filhos e netos adentraram neste universo de uso abusivo. Foi influenciada pelos conceitos morais da religião, passados pelo filho que estava preso, para buscar a saída das drogas.

Conforme Zerbetto et al (2017), a religiosidade e a espiritualidade, são componentes da vida do ser humano e trazem influências sociais, culturais e psicológicas, que aparecem

através dos valores, crenças, comportamentos e emoções e através das regras e condutas que são impostas, ajudam a evitar comportamentos nocivos, bem como auxiliam no enfrentamento e superação das adversidades da vida, no entanto a religião não pode ser imposta como forma de tratamento.

Nise, em sua narrativa, referiu-se a mulher que faz uso abusivo de drogas, como imoral e sem respeito por si própria, tendo que recorrer a prostituição e ao roubo para manter o vício, o que demonstra um pensamento preconceituoso pelas próprias companheiras, discurso assimilado devido a uma sociedade marcada pela dominação masculina e por um estigma socialmente imposto.

3.2 Marielle Franco

Marielle Franco tem 36 anos, nascida na cidade de Bananeiras, interior da Paraíba, reside em João Pessoa. Solteira, teve um filho que foi assassinado aos 19 anos. Sabe assinar apenas o nome e não sabe ler, considera que não teve oportunidades para o estudo ao longo da vida. Atualmente encontra-se desempregada, recebendo auxílio-doença e auxílio aluguel. Marielle é de religião evangélica e já se sentiu discriminada pelo pastor que não a deixou cantar na igreja, por ela ser usuária de drogas. Em sua infância e adolescência teve uma relação conturbada com os pais, tendo uma mãe ausente e um pai casado com outra mulher que não lhe dava a devida atenção, tendo seu primeiro contato com as drogas aos 13 anos de idade, por conta própria, com o objetivo de atingir ou chamar a atenção do pai. Iniciou usando cola, seguindo pela maconha, medicamentos, pó, crack, tabaco, álcool e Skank. Com um histórico de múltiplas drogas e diversas passagens pela rede de saúde, foi encaminhada para o CAPS ad III, onde está em tratamento há 4 (quatro) anos. Após o assassinato do seu filho, Marielle entrou em depressão e passou a apresentar crises e surtos psicóticos.

Em seu tratamento, Marielle enfrenta o desafio de não ter o apoio da família, bem como percebe que amigos, vizinhos e em especial os parentes a tratam diferente quando sabem que ela faz tratamento em um CAPS para Álcool e drogas, porém ela considera ter encontrado amigas verdadeiras que conheceu no CAPS.

Marielle acredita que as mulheres usuárias “não têm Jesus no coração”, pois as drogas, em especial o crack “veio para matar, roubar e destruir”.

Ela entende que a instituição (CAPS ad) deveria oferecer atividades mais direcionadas especificamente para mulheres, a exemplo de artesanato, tricô, crochê, bordado, costura.

Frente a narrativa de Marielle, destacam-se que as relações familiares e afetivas conflituosas atuaram como elemento motivador para o começo do uso de drogas. Marielle deparou-se com tais situações na adolescência quando teve sua primeira aproximação com as drogas. Para Santos; Costa e Amaral (2013), os adolescentes estão mais expostos a usar drogas, o que acarreta consequências irreparáveis no que diz respeito à saúde, convivência em família e comunitária, podendo ocorrer alterações psicológicas e gerar danos que refletem na transformação da fase adulta e na vida social.

Marielle refere-se a família como motivadora para o início do envolvimento com as drogas, demonstrando profunda mágoa. Porém, afirma contar com o apoio das amigas que conheceu e conquistou no CAPS ad, o que possibilita o desenvolvimento dos laços de afeto, companheirismo, amizade e confiança. Os vínculos de amizade criados dentro da instituição são de suma importância para a permanência dos usuários e sobretudo para as mulheres, que não recebem acolhimento diferenciado, nem são inseridas em atividades específicas, demonstrando que as particularidades de gênero não são consideradas. (DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

Marielle teve profundas crises de depressão, que permearam a sua vida, sobretudo, após a morte violenta de seu filho. Sendo o papel de mãe uma cobrança da sociedade imposta às mulheres como uma função feminina, ter perdido o filho repercutiu negativamente em sua saúde, provocando alterações de cunho emocional, interferindo nas relações sociais. Para ela, o CAPS ad deveria ter oficinas mais direcionadas ao universo *feminino* como: artesanato, tricô, crochê, fuxico, bordado e costura, aqui notamos a visão perpassada pelo discurso internalizado da mulher como prendada e preparada para atividades delicadas e do lar, um entendimento cultural de que todas as mulheres gostam de tais atividades.

Apoiada na fé e na religião para a saída das drogas, ela traduz em sua fala julgamentos de cunho moral, associado as mulheres que não aceitaram o evangelho, entram no mundo obscuro das drogas, reflexão que encontra apoio nos discursos condenatórios que a religião impõe aos usuários de drogas, sobretudo as que são ilícitas. Para Souza (2013), às drogas são satanizadas pela sociedade, como algo que destrói as relações e a ordem social, e quando são as mulheres envolvidas, o problema se amplia, o que as conduz a procurarem na religião e nos dogmas, a libertação das drogas pela fé.

3.3 Tarsila do Amaral

Tarsila do Amaral tem 36 anos, natural de Santa Rita-PB, e mudou-se para João Pessoa, onde tem um relacionamento estável com um companheiro e possui quatro filhos

de outro relacionamento. Não é alfabetizada, sabendo apenas escrever o nome. Desempregada e sem experiências com carteira assinada, é beneficiária do Programa Bolsa Família e não professa nenhuma religião. Iniciou o uso de substâncias psicoativas na infância com apenas 5 anos de idade, tendo acesso por pequenos furtos da maconha que o pai vendia. Sendo os pais também usuários, aos 9 anos de idade sofreu abuso sexual cometido por seu pai, fazendo com que ela saísse de casa e tivesse um contato mais intenso com as drogas. Tarsila cometeu um homicídio quando estava sob efeitos das drogas, tendo sido a vítima um companheiro que, segundo ela, tentou agredi-la. Após o homicídio apresentou-se na delegacia e aguarda a conclusão do processo. Após o ocorrido procurou de forma espontânea o CAPS ad onde está em tratamento há quatro anos, tendo optado pela abstinência. Alega ter sofrido preconceitos por ser usuária de substância psicoativa. Para Tarsila, os homens são mais numerosos e assíduos por problemas relacionados ao álcool, já mulheres não tem incentivo para realizar o tratamento e preferem ficar em casa.

Na narrativa de Tarsila verificamos que o uso de substâncias se deu ainda na infância, por alguns fatores, como a proximidade com o “comércio” da maconha e por ter pais usuários de drogas. Para Ramaldes, Avellar e Tristão (2017, p.7) “a combinação de certos fatores pode influenciar o uso de drogas por uma criança, tais como a família, os amigos e o ambiente comunitário”. Tarsila através de furtos da própria maconha do pai, começa seu trajeto de consumidora de drogas, porém, podemos deduzir que a mesma tinha facilidade de obter o produto, e presenciava o consumo abusivo dos pais. Para Lira et al (2017, p.2) “a exposição ao abuso sexual na infância está associada a prejuízos em longo prazo”, e um dos prejuízos relatados por Tarsila foi o uso abusivo de drogas e a saída de casa.

Sobre os usuários frequentes ao serviço, Tarsila observa a predominância masculina no serviço e o tipo de substância mais consumida por eles, o álcool. Ela acredita que as mulheres não são incentivadas a estar no serviço, e por isso continuam o consumo, principalmente de forma isolada. Assim, Tarsila aponta de forma indireta para a problemática em torno da questão de gênero. As mulheres não são incentivadas, enquanto assumem o papel de incentivadoras dos maridos, companheiros e amigos. Como reforça um participante do estudo de Gomes (2010, p.14), “homens podem beber e mulheres não; para os homens já é feio beber, imagina para as mulheres, as mulheres que bebem são fáceis”. A fala revela claramente os aspectos patriarcais fincados pela sociedade, a qual estabelece papel reservado a mulher dentro de uma família considerada tradicional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das narrativas percebemos que o uso de substâncias psicoativas se iniciou ainda na infância ou adolescência, provocando danos emocionais, sociais e econômicos e agravando a situação de saúde dessas mulheres. A violência é um fator presente na história de vida das entrevistadas determinando, muitas vezes, o uso abusivo de substâncias psicoativas.

A religiosidade foi outro aspecto que se apresentou como elemento destacado na realidade vivida pelas usuárias, servindo como motivação para fortalecer o tratamento e a busca da cura da dependência, mas também como um espaço de violência e preconceitos. A fragilidade dos laços familiares aparece na pesquisa como uma condição objetiva para a aproximação do uso de substâncias psicoativas, acentuado pelo processo de pauperização, violência e injustiça social presentes na história de vida das mulheres entrevistadas.

No que se refere aos serviços ofertados pelo CAPS ad, constata-se a inexistência de atividades que contemplem o público feminino, realidade que não difere de outros serviços de saúde mental.

O preconceito de gênero mostrou-se presente entre as próprias usuárias, pois a visão estigmatizada imposta pela sociedade está internalizada nas narrativas das mulheres. A questão de gênero é imprescindível ao analisar a saúde mental, sabendo que essa está presente nos espaços de saúde, como no CAPS, sendo um dos fatores intrínsecos ao comparecimento em menor número do público feminino nos serviços de saúde mental e a visão estigmatizada sobre a mulher que faz uso de substâncias psicoativas.

REFERÊNCIAS

BRITES, Cristina (org). **Série assistente social no combate ao preconceito.** Caderno 2. O Estigma do uso de drogas. Brasília (DF), 2016. Disponível em: www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno02-OEstigmaDrogas-Site.pdf. Acesso em: 26 nov. 2018.

DULCE, Emilly. Nise da Silveira: **A mulher que revolucionou o tratamento mental por meio da arte.** 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/02/15/nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratamento-da-loucura-por-meio-da-arte/>> Acesso em: 13 mar. 2019

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Tarsilla do Amaral.** 2008. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/tarsila_amaral/> Acesso em: 13 mar. 2019

GOMES, Katia Varela. **A dependência química em mulheres: figurações de um sintoma partilhado**. São Paulo, 2010. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-10112010-082915/pt-br.php>
> Acesso em: 28 out, 2018

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e et al. **Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta**. Texto contexto – enferm. Florianópolis, v. 26, n. 3, e0080016, 2017. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300320&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 20 fev. 2019.

MOREIRA, D. de J.; BOSI, M. L. M.; SOARES, C. A. Uso de narrativas na compreensão dos itinerários terapêuticos de usuários em sofrimento psíquico. In: **Itinerários terapêuticos: integralidade no cuidado, avaliação e formação em saúde**. Rio de Janeiro: CEPESC / IMS/UERJ – ABRASCO, 2016.

NAOMI, Aline et al. **Dependência química deve ser analisada com recorte de gênero**. 2016. Disponível em:
<<http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=7873&ed=1392&f=>> acesso em: 30 nov,2018.

QUEIROZ, M. I. P. de. O pesquisador, o problema de pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LUCENA, C. T.; CAMPOS, M. C. S. de S.; DEMARTINI, Z. B. F. (org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. São Paulo: CERU. 2008. p.15-34.

_____. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: LUCENA, C. T.; CAMPOS, M. C. S. de S.; DEMARTINI, Z. B. F. (org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. São Paulo: CERU. 2008. p. 35-77.

RAMALDES, Helena Quintas; AVELLAR, Luziane Zacché; TRISTAO, Kelly Guimarães. **Características de Crianças Usuárias de Substâncias Psicoativas Descritas pela Própria Criança**. Psic.: Teor. e Pesq. Brasília, v. 32, n. 4, e324220, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000400220&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 20 fev. 2019

REZENDE, Grazi. **Entre o Rosa e o Azul: Uma Sociedade Regida por Papéis de Gênero**, 2016. Disponível em: <<http://mundodapsi.com/uma-sociedade-regida-por-papeis-de-genero/>>; Acesso em 21 nov, 2018

SANTANA, Vagner Caminhas; BENEVENTO, Claudia Toffano. **O conceito de gênero e suas representações sociais**. 2013. Disponível em:
<<http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.>> Acesso em: 21 nov, 2018

SANTOS, Marailza de Brito; COSTA; AMARAL Lúcia Neves do. **Uso de drogas na adolescência**. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais. Aracaju. Out. 2013. Disponível em:
<<http://www.periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/viewFile/952/516>> Acesso em: 19 fev. 2019.

SANTOS, Rejane Ferreira dos. **Políticas de atenção às mulheres com transtornos por uso de álcool e outras drogas assistidas num centro de atenção psicossocial em Salvador, Bahia.** 2016. Disponível em: <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/123456730/207/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20REJANE%20PDF.pdf>> Acesso em: 03 set. 2018

SOUZA, Márcia Rebeca Rocha de. **Repercussões do envolvimento com drogas para a saúde de mulheres atendidas em um Caps ad de Salvador-BA.** 2013. Bahia. 2013. Disponível em: <http://www.https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13591/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Enf_Souza%2C%20M%C3%A1rcia%20Rebeca%20%20Rocha%20de.pdf> Acesso em: 17 fev.2019.

ZERBETTO, Sonia Regina et al. **Religiosidade e espiritualidade:** mecanismos de influência positiva sobre a vida e tratamento do alcoolista. Escola. Anna Nery [online]. 2017, vol.21. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452017000100205&script=sci_abstract&tIng=pt> Acesso em: 18 fev. 2019.